Indústria Cultural – Mídia e Violência[1]

Jéssica MARCATTI[2]
Manuela GHIZZONI[3]
Paola PRUCHNESKI[4]
Willian BRESSAN[5]
Elza Aparecida de Oliveira FILHA[6]
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho analisa as relações entre mídia e violência, através da discussão da cobertura jornalística em casos violentos. O foco é a análise da cobertura das emissoras de televisão feita no Caso Eloá, discutindo a postura, e as consequências da importância dada ao caso. Através da fundamentação teórica e de um estudo de caso sobre a cobertura dos veículos midiáticos, especialmente as reportagens de televisão, o artigo se propõe a discutir o papel do telejornalismo na cobertura de casos violentos.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; violência; mídia; sensacionalismo.

TEXTO DO TRABALHO

1. Introdução

A mídia e a violência sempre andaram de mãos dadas, seja no intuito de informar os leitores e telespectadores sobre os perigos e crimes que os rodeiam, como para que os veículos midiáticos consigam aumentar sua tiragem ou audiência.

Karl Marx afirma que a violência seria resultante da luta de classes. Para Émile Durkheim, a violência seria um sintoma de funcionamento ineficiente das instituições sociais, ou uma falha nos processos de socialização das pessoas. Já o sociólogo Pierre Bourdieu afirma:

A existência de uma violência simbólica, que é exercida também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro. (BORDIEU, 1989)

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: jessicammarcatti@bol.com.br
[3] Estudante de Graduação. 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: manuelaghizzoni@hotmail.com
[4] Estudante de Graduação. 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: paola_pruch@hotmail.com
[5] Estudante de Graduação. 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: wbressan@gmail.com
[6] Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: elzaap@hotmail.com

O livro-reportagem "PORTAS FECHADAS – A JUVENTUDE PROCURA UMA SAÍDA" de Renan Colombo, aponta que a violência já é motivo de preocupação de jovens entre 15 a 24 anos. Em uma pesquisa feita com pessoas dessa faixa etária pelo Instituto Cidadania em 2004, observou-se que a violência foi citada por 27% dos entrevistados quando questionados sobre os problemas que mais os preocupavam.

No livro é citado também um aumento de 1.148,74%, entre 1996 e 2004, "no número de matérias relacionadas a crianças e adolescentes veiculadas por 45 jornais brasileiros".

2. O caso Eloá

O caso da jovem Eloá Cristina Pimentel se refere ao mais longo sequestro em cárcere privado já registrado pela polícia de São Paulo, e que adquiriu grande repercussão nacional e internacional[7] .

No dia 13 de outubro de 2008, o jovem Lindermberg Fernandes Alves, de 22 anos, invadiu o domicílio de sua ex-namorada, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, em Santo André (Grande São Paulo), onde ela, Nayara, a melhor amiga, e colegas realizavam trabalhos escolares. Logo após o início do cárcere privado, os dois colegas foram libertados, restando apenas no interior do apartamento Eloá, Nayara, e Lindemberg.

Às 22h50min do mesmo dia, Nayara foi libertada, mas acabou voltando ao cárcere no dia 15, atendendo a um pedido do Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE).[8]

Após mais de 100 horas de cárcere privado, policiais do GATE e da Tropa de Choque da Polícia Militar de São Paulo explodiram a porta, alegando terem ouvido o barulho de um disparo de arma de fogo no interior do apartamento.

A adolescente Nayara deixou a residência com um tiro no rosto, enquanto Lindenberg foi rendido pelos policiais, e Eloá seguiu em estado grave para o hospital.

Às 19h30min da sexta-feira, 17 de outubro, em plantão extraordinário, a Rede Globo chegou a anunciar a morte de Eloá[9] , o que foi posteriormente desmentido.

A jovem teve morte cerebral decretada confirmada às 22h30min no sábado, dia 18 de outubro. Novamente, em plantão extraordinário[10] , a Rede Globo anunciou a

[7] Veja a repercussão do sequestro da menina Eloá na imprensa internacional*: Folha On Line*, 19 de outubro de 2008.
[8] Mais longo caso de cárcere privado em SP completa 3 dias: *Folha On Line*, 16 de outubro de 2008.
[9] http://www.youtube.com/watch?v=vC5hVFR08ZU

morte, desta vez, mostrando a coletiva de imprensa, na qual os médicos confirmavam o óbito da jovem.

3. Diferenças e histórico

A força aplicada no exercício da palavra, e seu imediatismo comunicativo, podem potencializar no ato de uma notícia, um sentido sensacionalista dos fatos abordados. Em algumas situações, são usadas estratégias para despertar emoções no público alvo.

Existem diferenças entre sensacionalismo e uma notícia sensacional. A notícia sensacional é aquela que chama atenção pelo ineditismo dos fatos que a integra. Já o sensacionalismo, o que pode se verificar no caso Eloá tende a chamar atenção do seu espectador pelas emoções causadas pela notícia transmitida, ou seja, procura fazer com que o público tenha vontade de saber mais sobre o assunto por estarem escandalizados ou chocados com o acontecimento.

A imprensa sensacionalista é um tema polêmico, principalmente quando tem como destaque a violência. Na década de 30, alguns juristas e intelectuais como Roberto Lyra, Nelson Hungria, Roquette Pinto, Cecília Meirelles, entre outros participaram de uma campanha com objetivo de condenar o sensacionalismo jornalístico, já aclimatando a imprensa brasileira.

4. Imposição de valores e teoria do agendamento

O sociólogo francês Pierre Bourdieu classifica a imposição de valores exercida pela mídia como uma violência simbólica. Durante esse processo, a classe dominante impõe sua cultura à classe dominada de uma forma sutil e dissimulada, onde a classe oprimida não consegue notar essa dominação. A televisão, por exemplo, traz a tona fatos nem sempre importantes que são adotados pelo público, podendo se tornar o assunto da vez, o que nos leva à Teoria do Agendamento.

Na década de 1920, a hipótese de uma relação casual entre a agenda midiática e a agenda pública foi sugerida por Walter Lippmann, mas o enunciado mais conhecido foi sugerido por Conhen: “Embora a imprensa, na maioria das vezes possa

[10] http://www.youtube.com/watch?v=ikI_gli4PJk

não ser bem sucedida ao indicar às pessoas como pensar, é espantosamente eficaz ao dizer a seus leitores sobre o que pensar" (citado por McCombs e Shaw, 2000:49)

Ao investir em uma forte cobertura sensacionalista em casos violentos, a imprensa faz com o que telespectador "agende" o que falar nas conversas cotidianas, ou seja, o público ficará falando naquele assunto durante todo o tempo em que se realizar a cobertura jornalística.

Foi o que se observou em relação ao caso Eloá: o poder que a mídia tem sobre o agendamento de determinados assuntos, principalmente relacionados à violência, na pauta dos governantes e da sociedade, o que se pode comprovar através de dados presentes no livro-reportagem de Renan Colombo. A forma descontextualizada e fragmentada que esses assuntos são tratados faz com que a sociedade apóie o endurecimento no tratamento dos infratores da lei.

Uma pesquisa popular realizada pelo Senado Federal aponta que 30% dos entrevistados consideram a impunidade a principal causa da criminalidade. A ausência do Estado, por outro lado, é apontada como geradora desse processo por apenas 8% dos entrevistados (DATASENADO, 2007). (p.13)

Mesmo sem dados concretos, é possível afirmar que os debates sobre prisão perpétua e pena de morte, após o caso Eloá, voltaram à pauta diária dos cidadãos brasileiros.

5. Cobertura jornalística em casos violentos

De todos os temas possíveis de se transformar em notícia, a violência é privilegiada, já que o jornalismo, inicialmente, tinha o pretexto de ser um espelho da realidade. Como afirma Traquina:

> Central à teoria é a noção-chave de que o jornalista é um comunicador desinteressado, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam de sua missão de informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer. (TRAQUINA, 2004)

Pode-se observar que quando o assunto tratado é violência, perante o jornalismo sensacionalista, a "isenção de ânimo" é um exercício de retórica. Por isso, atribui-se ao espectador o desejo pela violência, e cabe ao jornalismo satisfazer os desejos de seu público.

Segundo Colombo, a característica desse tipo de cobertura inclui "a falta de contextualização do fato, a consulta exclusiva a fontes oficiais e a ausência de propostas para solucionar os problemas apresentados." (COLOMBO, 2008)

Como afirma Veiga: "No telejornalismo, a cobertura de temas que causam comoção popular, (...) transforma-se em exagero cometido em busca pelo público. A briga pela audiência toma o telespectador não pela consciência, mas sim pelo apelo emocional." (VEIGA, 2002).

Mais uma vez citando o caso da menina Eloá, pode-se perceber que a quantidade de pessoas que comentaram sobre o assunto e prestigiaram todas as novas informações sobre o caso era a maior parte. Chamando atenção para a especificidade de informação que uma porcentagem da população prefere. O povo faz uma ligação entre o que é realidade e o que é ficção. O sensacionalismo trabalha com uma representação trágica da realidade, utilizada com o intuito de provocar certo impacto ao publico.

Na opinião de alguns, são inequívocos da violência nos meios de comunicação de massa, nas interações sociais, restando discutir-se, entretanto, a magnitude desses efeitos perante as sociedades envolvidas. Já para outros, imputar à mídia a culpa pela violência social, não tem sentido; é desviar o foco do problema, para encobrir as verdadeiras causas pela violência. Sendo a mídia, o principal recurso para denunciar os problemas causados por esta.

De acordo com Émile Durkheim, o individuo está constantemente submetido a "códigos" imperativos e coercitivos impostos pela sociedade. Ao nascer, o individuo já encontra prontas as regras, práticas, crenças, maneiras de agir, de pensar e de sentir. O individuo se torna um edifício da sociedade, moldando e acabado segundo seus parâmetros, suas regras, seus modelos. Assim, a mídia, em especial a partir do aparecimento da televisão tem uma função extremamente imbuída de máxima responsabilidade diante da sociedade que nela confia. Construindo então, uma relação moral, de caráter, dignidade e cidadania.

6. A cobertura televisiva no Caso Eloá

Primeiramente, o que se observa é apenas uma notícia: "o sequestro da garota de 15 anos". Em momento algum houve o debate sobre as causas sociais que levaram Lindemberg a cometer o crime, apenas há o motivo superficial, causado pelo ciúme. As emissoras de televisão investiram fortemente na cobertura jornalística,

deslocando repórteres para o epicentro do acontecimento, e realizando inúmeras entradas ao vivo durante toda a programação. O Plantão Globo, o mais famoso, entrou diversas vezes no ar. Na Rede Tv!, por exemplo, chegou-se ao cúmulo de apenas trocar de programa mas continuar com as imagens do sequestro em cárcere privado, ou seja, seguia-se a programação, mas o assunto era um só.

A tentativa de contato com o sequestrador e as vítimas durante o cárcere privado, por parte de programas de TV sensacionalistas, mostrou a falta de preparo de setores da televisão brasileira em relação ao tratamento de episódios violentos. Na tentativa de acabar com o sequestro, apresentadores e repórteres dos programas citados anteriormente, tentavam agir como negociadores, aumentando ainda mais o risco em que as duas jovens se encontravam.

O ex-comandante do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e sociólogo Rodrigo Pimentel, em entrevista ao site de notícias Terra, declarou:

> A Sonia Abrão, da RedeTV!, a Record e a Globo foram irresponsáveis e criminosas. O que eles fizeram foi de uma irresponsabilidade tão grande que eles poderiam, através dessa conduta, deixar o tomador das reféns mais nervoso, como deixaram; poderiam atrapalhar a negociação, como atrapalharam... O telefone do Lindemberg estava sempre ocupado, e o capitão Adriano Giovaninni (NR: negociador da Polícia Militar) não conseguia falar com ele porque a Sonia Abrão queria entrevistá-lo. Então essas emissoras, *esses jornalistas criminosos e irresponsáveis* (grifo nosso), devem optar na próxima ocorrência entre ajudar a polícia ou aumentar a sua audiência. (PIMENTEL, 2008)

O sociólogo francês Pierre Bourdieu classifica esta imposição de valores exercida pela mídia como uma violência simbólica. Durante esse processo, a classe dominante impõe sua cultura à classe dominada de uma forma sutil e dissimulada, onde a classe oprimida não consegue notar essa dominação. A televisão, por exemplo, traz a tona fatos nem sempre importantes que são adotados pelo público, podendo se tornar o assunto da vez e exercendo grande pressão nos telespectadores, o que nos leva à discussão das conseqüências da violência na mídia.

7. Consequências da violência na mídia

Ao transformar a violência em espetáculo, os meios de comunicação acabam conquistando o que querem: audiência a qualquer custo e telespectadores, que, por estarem diante de uma exposição exagerada, tendem a acreditar que vivem numa sociedade mais violenta do que realmente é.

O público não vê mais a violência em si como um fator primordial para ser transformada em notícia. É necessário mais do que isso. Porque violência já virou rotina, já ficou banalizada.

As tragédias dramatizadas e a construção de personagens para poder se aproximar do público são os recursos mais utilizados pelos meios de comunicação, como forma de manter audiência. Nestes "teatros" a indicação do tempo, espaço e personagens que constem a trama, envolvem e aproximam o público, que muitas vezes parecem "viver" a narração do fato. Parecem estar junto com o repórter na apuração da matéria, sentem-se testemunhas do acontecimento. Segundo Rogério Koff:

> Os meios de comunicação de massa não reproduzem a verdade objetiva ou pura sobre os fatos, mas versões intermediadas pela construção imaginária dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Precisamente aí reside o caráter ideológico: os veículos produzem um sentido para a realidade, mas em seguida procuram ocultar o fato de que este sentido é uma construção imaginária, ou uma interposição simbólica entre sujeito e realidade através da linguagem. (KOFF, 1991)

Uma das grandes dificuldades em se questionar a abordagem da violência, é a de situar o público dos noticiários policiais, que na maioria das vezes está inserido em sociedades violentas e pobres. Sendo assim, sentem-se parte do noticiário, situam-se nele, e como não têm muitas opções de divertimento, a violência passa a ser a principal atração. Assim a primeira característica da ocorrência policial, que facilita sua veiculação pelos meios de comunicação, é a possibilidade de personalização do conteúdo da informação.

A personalização não só permite à audiência uma identificação com o tema, por intermédios dos sujeitos envolvidos, como também torna tramas complexas mais compreensíveis. A presença permanente de personagens como o policial, o bandido, a vítima e testemunhas aproxima o acontecimento de tramas cujo enredo é repetido exaustivamente na mídia ficcional em forma de filmes, seriados mini séries e reportagens policiais.

Porém esta é uma discussão difícil onde é necessário abordar não só o território da mensagem e dos códigos usados pelo comunicador, mas também o território do destino ou recepção da mensagem analisando o modo como a mensagem é transmitida, quem é o receptor da mensagem, quais as estratificações do público e audiência, quais os impactos sofridos pelo receptor, qual a eficácia persuasiva da mensagem, que influências o receptor recebe das mídias e até que ponto ele pode exercer influências sobre ela e como o receptor interfere e transforma ou não a mensagem que recebe.

Sobre os impactos que notícias violentas têm nos telespectadores, Surgeon General, autoridade de saúde máxima nos Estados Unidos, em 1972, já afirmava: "A violência na televisão realmente tem efeitos adversos em certos membros da nossa sociedade." (GENERAL, 1972)

Segundo o Dr. Dráuzio, desde então, a literatura médica já publicou sobre o tema 160 estudos de campo que envolveu 44.292 participantes, 124 estudos laboratoriais com 7.305 participantes, e conclui:

Absolutamente todos demonstraram a existência de relações claras entre a exposição de crianças à violência exibida pela mídia e o desenvolvimento de comportamento agressivo. (VARELLA, 2002)

8. Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho permitiu o aprofundamento da compreensão da relação entre mídia e violência, e da influência que aquela possui sobre os telespectadores.

Parte disso veio das reflexões feitas neste aporte teórico, bastante esclarecedoras, ao passo que outra importante contribuição decorreu dos trabalhos de campo realizados pelos autores, que analisaram inúmeros vídeos disponibilizados na Internet, e que se encontram nas Referências Bibliográficas, sobre a cobertura da imprensa no Caso Eloá.

Do ponto de vista jornalístico, o aprendizado foi enorme, pela oportunidade de avaliar o trabalho feito pela imprensa na cobertura de um caso que mexeu com o país, o da jovem Eloá Cristina Pimentel, e nos permitiu concluir que a abordagem jornalística ainda é falha, e constantemente cai no sensacionalismo e no exagero. O telejornalismo brasileiro continua sangrento e violento, de modo a saciar a vontade de sangue dos telespectadores.

Como futuros jornalistas, esperamos que o telejornalismo repense suas abordagens em coberturas especiais, de modo a se destinar aquilo que é um dever primordial do jornalista: informar com objetividade, e sempre buscando a imparcialidade, deixando de lado o sensacionalismo e a espetacularização da notícia.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Khuner - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999

CECCARELLI, P.R. Violência e TV. Belo Horizonte, mar. 2002. Disponível em <http://www.ceccarelli.psc.br/portugues/html/principal.htm>. Acesso em: 17 de set. 2009

COLOMBO, Renan. *Portas fechadas – a juventude procura uma saída.* Curitiba, 2008. Livro Reportagem (Bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo) – Universidade Positivo, 2008.

COM CIÊNCIA. Revista Eletrônica. *Violência: Faces e Máscaras*. São Paulo, 2001. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/violencia/vio.htm>. Acesso em: 17 de set. 2009

CORDEIRO, Rosana. *Violência nos meios de comunicação*, 2002. Disponível em: <http://www.cn7a.jex.com.br/noticias/detalhes.php?id_jornal=6539&id_noticia=24> Acesso em: 18 set. 2009

DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência – as marcas da oralidade no jornalismo popular.* São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.

HOINEFF, Nelson. *Quem matou Eloá?*, 2008. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=508JDB002> Acesso em: 18 set. 2009

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. *Olhares sobre uma cobertura: a eleição de 2002 para o governo do Paraná em três jornais locais.* Curitiba: Pós Escrito, 2007.

RAMOS, Sílvia. *Mídia e violência : novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro : IUPERJ, 2007

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2004

UFRGS. *A Televisão e a Violência: O impacto sobre a criança e o adolescente*. 1.ed. Porto Alegre: www.ufrgs.br/pisq, 1998. Disponível em <http://www.ufrgs.br/psiq.> Acesso em 17 de set. 2009

VEIGA, Zaclis. *Telejornalismo e violência social: a construção de uma imagem.* Curitiba: Pós Escrito, 2002.

Vídeos

Brito Jr. faz análise de cobertura de imprensa no caso Eloá. (13/12/2008). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VDCzrtGjdvs> Acesso em 19 set. 2009

Datena: Entrevistas a Lindemberg na TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3NBohhUYQG4> Acesso em 19 set. 2009

Jornal Nacional - Tudo sobre o sequestro de Santo André (17/10/2008). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uPIvJTWAd90> Acesso em 19 set. 2009

Luiz Guerra & o sequestrador (17/10/2008). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NZp3VU1rPWg> Acesso em 19 set. 2009

Plantão 1 – Fim do sequestro em Santo André (17/10/2008). Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=EhyG91pWQlY> Acesso em 19 set. 2009

Plantão 2 – Fim do sequestro em Santo André (17/10/2008). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=U-j_c7tANfQ> Acesso em 19 set. 2009

Plantão 3 – Fim do sequestro em Santo André (17/10/2008). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OlitYXhJ3No> Acesso em 19 set. 2009

Plantão da Globo com notícia errada em outubro de 2008 (17/10/2008). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vC5hVFR08ZU> Acesso em 19 set. 2009

Plantão Globo – Morte cerebral da Eloá (19/10/2008). Disponível em: < Acesso em 19 set. 2009

O papel da imprensa no Caso Eloá (23/10/2008). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=w7ye_2bCZhY> Acesso em 19 set. 2009

Sônia Abrão & o sequestrador 1/3. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9_gSLc0oCic> Acesso em 19 set. 2009.

Sônia Abrão & o sequestrador 2/3. Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=CGJewjnPejA> Acesso em 19 set. 2009

Sônia Abrão & o sequestrador 3/3. Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=F4fBo_PGXWM>